



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA - LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO

ANA CARLA DE OLIVEIRA SILVA

**EFICIÊNCIA NA GESTÃO DO FLUXO DE CAIXA: Análise em duas
micro e pequenas empresas no município de Itaituba/PA**

ITAITUBA – PA

2018

ANA CARLA DE OLIVEIRA SILVA

**EFICIÊNCIA NA GESTÃO DO FLUXO DE CAIXA: Análise em duas
micro e pequenas empresas no município de Itaituba/PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Bacharel em Administração de Empresas.

Orientador: Prof. Esp. Flavio Sousa Nascimento.

ITAITUBA – PA

2018

Silva, Ana Carla de Oliveira.

A eficiência na Gestão do Fluxo de Caixa: Uma análise em duas micro e pequenas empresas no município de Itaituba/PA./ Ana Carla de Oliveira Silva. Itaituba: FAI, 2018.

58f. il.

Orientador: Flavio Sousa Nascimento.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Itaituba, 2018

1. Fluxo de Caixa. 2. Administração. I. Nascimento, Flavio Sousa. II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR - PA, 2018.

ANA CARLA DE OLIVEIRA SILVA

**TITULO: A EFICIÊNCIA NA GESTÃO DO FLUXO DE CAIXA: UMA ANÁLISE EM
DUAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DE ITAITUBA/PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Bacharel em Administração de Empresas.

Orientador: Prof. Esp. Flavio Sousa Nascimento.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____.

Professor: Francisco Claudio de Sousa Silva, Dr.

Orientador: _____ Nota: _____.

Professor: Flavio Sousa Nascimento, Esp.

Avaliador: _____ Nota: _____.

Professor: Gleidson de Souza Nascimento, Esp.

Resultado: _____ Média: _____.

Data: 31 de março de 2018

Dedico a minha mãe Elielma por ser a razão para que eu continue sempre perseverante e ao meu esposo Beniks por sempre me dar forças e incentivo. Amo muito vocês!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me manter firme e confiante em todos os 4 anos de faculdade e principalmente neste finalzinho para a conclusão do TCC.

A minha mãe que é a dona de pensamentos, é aquele anjinho que fica dizendo na minha mente: "Força, você consegue!". Obrigada mãe, você é a minha razão.

Ao meu marido por estar sempre do meu lado me apoiando e me dizendo sempre que eu tenho que me dedicar aos meus estudos, que acredita no meu potencial e que eu consigo fazer tudo se eu acreditar que posso.

A minha família pelo apoio naquelas horinhas que você já não quer mais continuar a trajetória, palavras de apoio é o que mantiveram a esperança.

Aos meus professores por tudo que foi passado em sala de aula que foram e serão de grande valia para a minha formação e também pela honrosa amizade de alguns durante o período letivo.

Claro também aos meus amigos de aula, aqueles que me aturaram durante esses longos e curtos 4 anos, eles foram essenciais para a faculdade ser um lugar onde eu queria estar, o sexteto fantástico como denominamos. Vocês são importantes para mim amigos, Camila, Ewerson, Josilene, Josélia e Regiane.

E por último, mas não menos importante ao meu orientador Flávio Nascimento, pela paciência e persistência na minha conclusão desta monografia.

“Não importa o que aconteça, continue a nadar. ”

“Graham Walters”

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fluxo de caixa.....	18
--------------------------------	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Demonstração do fluxo de caixa – método direto.....	26
Quadro 2 – Demonstração do fluxo de caixa – método indireto.....	28
Quadro 3 – Modelo de fluxo de caixa.....	50

RESUMO

A presente pesquisa teve como principal objetivo analisar a Gestão do Fluxo de Caixa nas micro e pequenas empresas, afim de melhor proporcionar um entendimento e esclarecimento em torno de sua utilização. O estudo foi realizado em duas micro e pequenas empresas de Itaituba e teve por fim verificar e identificar os cuidados que os microempreendedores estão tendo para que as suas empresas não cheguem a ponto de fechamento, além de manter a perspectiva de crescimento. Sendo assim, foram apresentados ao longo desta análise, definições, conceitos e embasamento sobre a importância do fluxo de caixa, além de métodos auxiliares desta ferramenta de suma importância para o desenvolvimento econômico das empresas de pequeno porte. Neste contexto, identifica-se que através do fluxo de caixa o administrador se preocupará em analisar a mutação dos recursos financeiros da empresa a fim de assegurar um envolvimento e conformidade constante de suas atividades, possibilitando ao profissional projetar melhor suas execuções futuras ou conduzir o seu desempenho. Por este motivo, torna-se cada vez mais necessária a sua adequada utilização. Para tanto, este estudo, busca responder e defender a questão norteadora que rege este trabalho acadêmico, ou seja, mostrar que por intermédio do fluxo de caixa os resultados positivos que são esperados por um gestor que ocorra em sua empresa, tem uma possibilidade de retorno muito maior. Por consequência, a pesquisa em tela apresentada caracteriza-se como qualitativa, sendo que os dados utilizados foram para exprimir características que pudessem contribuir corretamente com a realização desta pesquisa. Foram feitas indagações relacionadas ao assunto para os gestores das duas pequenas empresas e além de avaliações sobre as respostas, ao final foram feitas sugestões de utilização do fluxo de caixa. A partir daí, foi possível concluir que há uma necessidade de inclusão das ferramentas que envolvem o fluxo de caixa na maioria das empresas de pequeno porte, pois por serem menores seus administradores acreditam não precisar desta tão importante ferramenta.

Palavras-chave: Fluxo de caixa, pequenas empresas, administrador financeiro e entradas e saídas.

ABSTRACT

The main objective of this research was to analyze Cash Flow Management in micro and small companies, in order to better understand and clarify their use. The study was carried out in two micro and small companies of Itaituba and was aimed at verifying and identifying the care that microentrepreneurs are having so that their companies do not reach the closing point, in addition to maintaining the perspective of growth. Thus, we present, throughout this analysis, definitions, concepts and background on the importance of cash flow, as well as the auxiliary methods of this tool of paramount importance for the economic development of small companies. In this context, it is identified that through the cash flow the administrator will be concerned with analyzing the mutation of the company's financial resources in order to ensure constant involvement and compliance of its activities, enabling the professional to better design its future executions or to conduct its performance. For this reason, it becomes increasingly necessary for its proper use. Therefore, this study seeks to answer and defend the guiding question that governs this academic work, that is, to show that through the cash flow the positive results that are expected by a manager that occurs in his company, has a possibility of return much bigger. Consequently, the presented screen search is characterized as qualitative, and the data used were to express characteristics that could contribute correctly to the accomplishment of this research. Inquiries were made regarding the matter for the managers of the two small companies and in addition to evaluations on the answers, at the end suggestions were made on the use of cash flow. From there, it was possible to conclude that there is a need to include the tools that involve the cash flow in most small companies, because because they are smaller, their administrators believe they do not need this important tool.

Keywords: Cash flow, small business, financial manager and receipts and benefits.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 ASPECTOS GERAIS SOBRE O FLUXO DE CAIXA.....	14
2.1 CONCEITO	14
2.2 VANTAGENS DO FLUXO DE CAIXA.....	18
2.3 OBJETIVO DO FLUXO DE CAIXA.....	20
2.4 FORMAS DE APRESENTAÇÃO DA DEMONSTRAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA (DFC)	22
2.4.1 Método direto.....	24
2.4.2 Método indireto.....	26
3 O FLUXO DE CAIXA NAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS	28
3.1 A EFICIÊNCIA DO FLUXO DE CAIXA	28
3.3 A IMPORTÂNCIA DAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS	33
3.4 CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO E LEGISLAÇÃO RELATIVAS AS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS.....	37
4 EFICIÊNCIA NA GESTÃO DO FLUXO DE CAIXA: ANÁLISE EM DUAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DE ITAITUBA/PA.....	40
4.1 PROCESSO METODOLOGICO DA PESQUISA.....	40
4.2 APRESENTAÇÃO DAS EMPRESAS ANALISADAS	41
4.3 PERFIS DOS INTREVISTADOS	41
4.4 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA	42
4.4.1 Setor principal da empresa.....	42
4.4.2 Dificuldades da gestão financeira	42
4.4.3 Analise do fluxo de caixa	43
4.4.4 Receitas e despesas futuras.....	44
4.4.5 Capital circulante.....	44
4.4.6 Despesas pessoais.....	45
4.4.7 Demonstração do fluxo de caixa	46
4.4.8 Demonstração do resultado do exercício	46
4.4.9 Regime de caixa e de competência.....	46

4.4.10 Sistema de informações gerenciais	47
4.6 SUGESTÕES DE COMO UTILIZAR O FLUXO DE CAIXA.....	48
5 CONCLUSÃO	51
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICE.....	55

1 INTRODUÇÃO

O fluxo de caixa é uma das principais ferramentas no controle financeiro de uma organização, ela carrega consigo benefícios indispensáveis aos administradores de empresas, pois ela atua diretamente na gestão dos gastos e recebimentos de capital, com informações atualizadas e concisas.

Segundo Assaf Neto e Silva (1997, p.35) O fluxo de caixa é a estrutura que faz a relação os ingressos com as saídas de capital financeiro no domínio de uma organização em uma delimitada lacuna de tempo. Com o início da construção do Fluxo de Caixa se torna existente a possibilidade de presumir eventuais ganhos ou percas do caixa, despertando-se providencias importantes a serem realizadas.

Este trabalho tem como objetivo analisar a gestão do fluxo de caixa nas micro e pequenas empresas, afim de melhor proporcionar um entendimento e esclarecimento em torno de sua utilização, cujos os dados auxiliarão para um gerenciamento eficaz, evidenciando os principais aspectos na construção de um fluxo de caixa que proporcione maior qualidade no controle financeiro.

E essa é a preocupação do gestor financeiro, sendo que ele tem como objetivo registrar os informes resultantes dos movimentos financeiros da empresa, atendendo um determinado período de tempo, visto que os domínios projetados no fluxo de caixa são simples, contudo deve-se ter muito cuidado em analisar e manter os dados atualizados, para que a empresa consiga mais segurança e agilidade em suas atuações financeiras.

O Fluxo de Caixa, não somente leva um administrador a uma vantagem perante seus concorrentes, mas também possibilita a dinamização de tomada de decisões, além de facilitar investimentos e expansões das organizações em mercados novos e promissores. A conscientização dos gestores de um bom controle do Fluxo de Caixa é sem sombra de dúvidas a pedra angular de uma administração séria e eficaz no novo cenário econômico mundial.

Desse modo, esta pesquisa pretende discutir o processo de utilização do fluxo de caixa. Para tanto, este estudo parte das seguintes questões: As pequenas empresas têm o controle do seu setor financeiro, como elas fazem? As micro e pequenas empresas estão utilizando o fluxo de caixa em suas finanças? Os microempreendedores sabem fazer o demonstrativo de fluxo de caixa?

Como procedimento metodológico, essa pesquisa procurou-se fundamentar em vários teóricos, assim foram utilizados autores como: Assaf Neto & Silva (2002), Bruni (2002), Marion (1998), Zdanowicz (1998) entre outros que contribuíram de forma significativa na produção do embasamento teórico, também foram utilizados o estudo de caso que consiste num estudo profundo da propriedade pesquisada e para a coleta de dados foi realizado um questionário com os proprietários.

O desenvolvimento do trabalho apresenta-se estruturado em cinco seções: A primeira destas é a introdução. A segunda descreve os aspectos gerais sobre o fluxo de caixa, iniciando por seu conceito e percorrendo sobre suas vantagens, os objetivos, e as formas de apresentação. Logo em seguida, na terceira seção, apresenta-se o fluxo de caixa nas micro e pequenas empresas, sua eficiência, importância e os critérios de classificação. Na quarta seção, além do processo metodológico, são descritos a apresentação das empresas, os perfis dos entrevistados e a análise dos dados da pesquisa. E, por último, na quinta seção, são apresentados os aspectos conclusivos do trabalho.

Neste cenário, o presente estudo propõe contribuir com possíveis soluções em relação ao fluxo de caixa, que podem ser usadas em pequenas empresas para um melhor gerenciamento orçamentário.

2 ASPECTOS GERAIS SOBRE O FLUXO DE CAIXA

2.1 CONCEITO

Fluxo de caixa é um recurso no qual proporciona ao administrador de uma instituição a ampla percepção e o domínio de todas as saídas e entradas que ocorrem no setor de finanças da empresa, deixando-o ciente de sua contabilidade.

De acordo com Zdanowicz (1998, p.40), “denomina-se fluxo de caixa de uma empresa ao conjunto de ingressos e desembolsos de numerário ao longo de um período determinado”.

Reunindo todas as informações relacionadas as saídas e entradas é que se constrói o fluxo de caixa. Na elaboração do fluxo de caixa empresarial é preciso que ela disponha de informações internas bem organizadas, permitindo a verificação dos compromissos a serem pagos, competências para receber, do estoque e de todas as despesas geradoras dos custos fixos.

Quanto a isso, Silva (2010, p.40), explica que as contas a receber são derivadas de vendas realizadas com pagamento a prazo, as contas a pagar advêm de compras também a prazo, além de encargos fiscais, trabalhistas e etc., e os estoques são decorrentes de compras realizadas “a vista ou a prazo”, em tal caso ficam a consumir o capital financeiro.

Além disso, o fluxo de caixa não tem nada a ver com vendas e sim com os ingressos e egressos do caixa empresarial.

Sobre isso, esclarece Cavalcante, (2008, p.3) “Na verdade, toda ação realizada por uma empresa resume-se na entrada ou saída de dinheiro. E nesse jogo de entra e sai que o fluxo de caixa mostra sua importância, pois nos ajuda a perceber bem antes quanto vai falta ou sobrar recurso”.

O fluxo de caixa é também o recurso possibilitador da melhoria nas análises quanto às execuções financeiras realizadas pela organização e auxilia para tomar decisões em relação ao investimento de recursos capitais que a empresa possui.

Para Zdanowicz (1998, p.33), “o fluxo de caixa é o instrumento que permite demonstrar as operações financeiras que são realizadas pela empresa”, dando possibilidade a uma análise da mesma como medida de melhoria ou de certificação de sua saúde financeira.

O diagnóstico do fluxo de caixa é de extrema importância para entender a lucratividade, do lucro real e do saldo no início do mês. Este é apenas o começo, porém já são três informações cruciais para analisar em conjunto com o Demonstração do Resultado do Exercício - DRE.

As informações de entradas e saídas devem ser inseridas pelo administrador conforme as necessidades daquela empresa, por este motivo a estrutura do fluxo de caixa precisa ser considerada flexível. O administrador, utilizando das informações do fluxo de caixa, é capaz de calcular e elaborar todas as estruturas e informações que forem necessárias para a verificação contábil daquela empresa. Pois o objetivo é justamente analisar a saúde financeira do negócio e a partir de análise obter uma resposta clara sobre as possibilidades de sucesso do investimento e do estágio atual da organização.

Segundo Silva (2010, p.31), as funções principais do gerenciador financeiro são, a construção do fluxo do caixa, prevendo casuais problemas financeiros que possam afetar a empresa, atuando de modo a solucioná-los e ainda é função do administrador o provimento de informações claras e corretas sobre o posicionamento financeiro da instituição para que sirvam de apoio para tomar as decisões.

Um fluxo de caixa bem aplicado possibilita ao gerenciador financeiro conservar a empresa em um perdurável estado de liquidez, gerenciar o capital de giro, mensurar os investimentos realizados em elementos do ativo permanente entre outros. Em síntese, o fluxo de caixa é um dos recursos mais fundamentais no qual estão baseadas as aferições contábeis.

Para Santi filho (2002, p.22), o fluxo de caixa é a demonstração panorâmica das despesas e receitas espalhadas pelo traçado do tempo futuro.

O fluxo de caixa é a peça chave para o controle categórico da movimentação real financeira – o que aconteceu de verdade - que uma empresa retrata em determinado período.

Ao entendimento de Sá (2008, p. 3), fluxo de caixa, apresenta-se como uma:

Ferramenta de aferição e interpretação de variações dos saldos do disponível da empresa. É o produto final da integração do Contas a receber com as contas a pagar, de tal forma, que quando se comparam as contas recebidas com as contas pagas tem o fluxo de caixa realizado, e quando se comparam as contas a receber com as contas a pagar, tem-se o fluxo de caixa projetado.

O bom gerenciamento do fluxo de caixa se apresenta como uma dessas ferramentas para uma gestão competente e eficaz, podemos até trata-lo como ferramenta indispensável para um bom controle financeiro, nesse contexto, vale ressaltar que a adequada gestão do fluxo de caixa se torna tão importante quanto a própria contabilidade.

O fluxo de caixa se compreende em um grande sistema de informações onde os dados financeiros produzidos se concorrem para diversas áreas da empresa. Uma das maiores dificuldades de se ter um fluxo de caixa realmente infalível é administrar de forma justa este sistema de informes. A maior parte das MPE resolvem tudo com o aproveitamento de simples planilhas.

Segundo Braga (1995, p.13) "Fluxo de Caixa é a estimativa dos fluxos de pagamentos e recebimentos, distribuídos durante a vida útil do projeto e constitui o ponto de partida do orçamento de capital". Ou seja, o fluxo de caixa compreende os valores distribuídos no tempo e que correspondem às saídas líquidas de caixa ou o investimento líquido e as entradas líquidas de caixa ou os benefícios monetários líquidos.

O fluxo de caixa é uma ferramenta simples, porém surpreendentemente útil, bem como uma ferramenta poderosa no planejamento financeiro. Na observância de alguns princípios, o fluxo de caixa pode trazer benefícios consideráveis para a empresa. Isenta também de altos investimentos em informática para operar perfeitamente. É certo que a condição principal para o êxito no fluxo de caixa é a presença de um desenvolvimento habitual de planejamento na empresa.

Para Assaf Neto e Silva (1997, p. 38) fluxo de caixa "é um processo pelo qual a empresa gera e aplica seus recursos de caixa determinados pelas várias atividades desenvolvidas", no qual essas atividades dividem-se em operacionais, de investimento e de financiamento.

Para Zdanowicz (1998, p.127)

É importante o planejamento do fluxo de caixa, porque ira indicar antecipadamente as necessidades de numerário para o atendimento dos compromissos que a empresa costuma assumir, considerando os prazos para serem saldados. Com isso, o administrador financeiro estará apto a planejar com a devida antecedência, os problemas de caixa que poderão surgir em consequência de resoluções cíclicas das receitas ou de aumentos no volume de pagamentos.

Sobre fluxo de caixa no entendimento de Sá (2008, p. 3), ele apresenta-se como um: Instrumento de avaliação e interpretação de conversões dos saldos do disponível da organização. É o resultado da integração das contas a pagar com as contas a receber, de tal forma, que quando se comparam os valores recebidos com os compromissos pagos tem o fluxo de caixa concluído, e quando estas são comparadas, tem-se o fluxo de caixa projetado.

Nas ocasiões de ausência de crédito, de juros altos, quedas no rendimento, entre outros, requerem do administrador um gerenciamento financeiro enérgico. Tornando fundamental a utilização de ferramentas financeiras que possibilitem conhecimento dos recursos de caixa de forma eficaz.

Para melhor entender como funciona o fluxo de caixa, na figura 1 visualiza-se as movimentações que podem ocorrer quanto a entrada e saída de caixa.

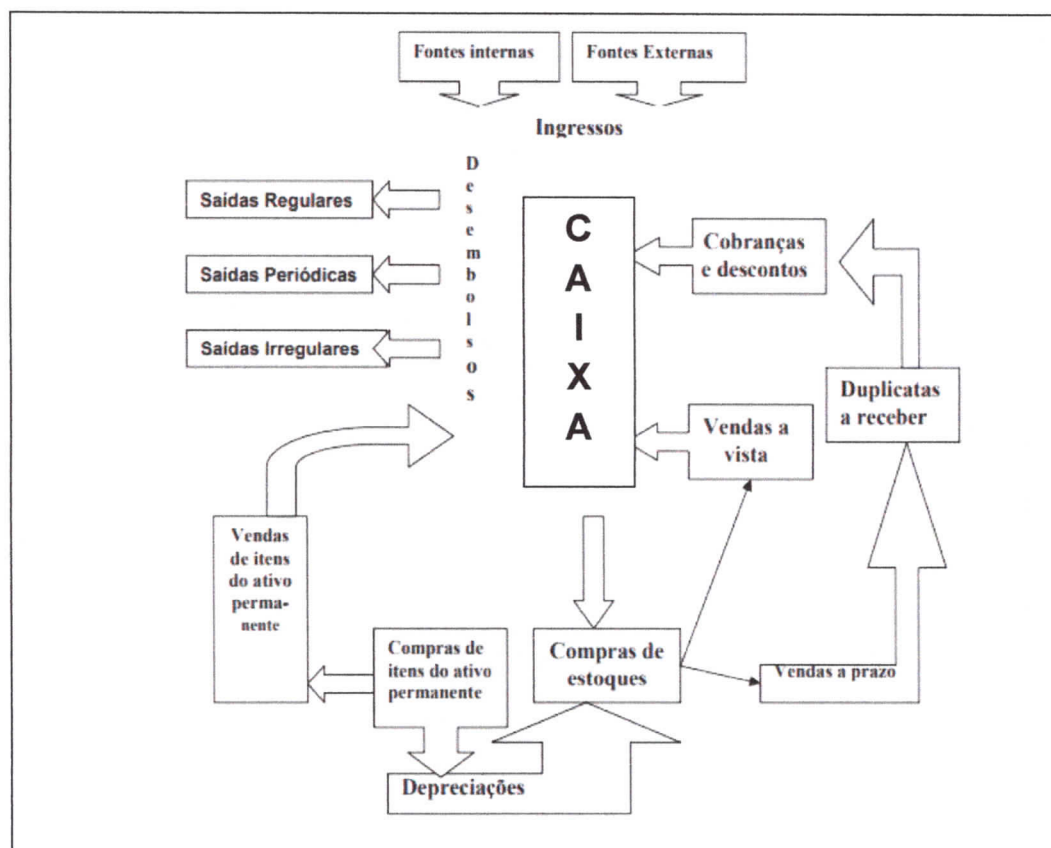


Figura 1: Fluxo de Caixa. Fonte: Adaptado de Zdanowicz (1998, p.52)

De acordo com Silva (2010, p.41), um dos cuidados mais importantes que o administrador financeiro deve ter é o de garantir o equilíbrio financeiro da organização, examinando e dirigindo os “prazos de compras, estoque e venda”,

além de assegurar “o custo financeiro do capital de giro”. É de extrema importância que o resultado de caixa esteja de acordo com as atuações da empresa.

2.2 VANTAGENS DO FLUXO DE CAIXA

O fluxo de caixa é indispensável a qualquer tipo de organização e as que operam com esta ferramenta gerencial raramente fracassam e o contrário geralmente acontece com a empresa que não faz o uso desta ferramenta para administrar suas finanças.

Para, Figueiredo e Caggiano (1997, p.75), o fluxo de caixa empresarial é uma das ocorrências mais elementares nas quais se baseiam as aferições contábeis. Os administradores e gestores são os principais interessados na geração do fluxo de caixa através dos ativos da empresa. E este fluxo de caixa é essencial para o alcance dos objetivos da organização.

São muitas as vantagens disponíveis quando se usa o fluxo de caixa, destas, destacam-se:

Possibilidade de traçar as datas corretas de pagamentos para não incidir em custos desnecessários, como juros; e inadimplência;

Competência para tomar decisões ligeiras, que são essências diante do aparecimento de contratempos financeiros;

Visão integrada de caixa, conhecendo o saldo verídico do caixa, buscando sua melhoria continua, a iniciativa é válida para o alcance tanto da redução de gastos, quanto do aumento de ingresso financeiro.

Ter saldo de caixa reserva para imprevistos com despesas; quando há sobra de caixa, além de poder programar uma aplicação ou investimento, a empresa não se sente ameaçada diante de um gasto não previsto;

Oportunidade de planejamento de investimentos, isto quando os índices se apresentarem em constante crescimento a cada mês que se passa;

Manter o equilíbrio acentuado entre os ingressos e egressos de caixa do empreendimento, ou seja, o administrador precisa estabelecer uma quantia mínima de capital para estar presente no caixa da empresa, para que ela seja capaz de arcar com seus dispêndios diários.

De acordo com Pivetta (2004, p.5), o fluxo de caixa é de imprescindível importância para o êxito econômico-técnico-financeiro e administrativo das

organizações, “sejam elas micro, pequenas, médias ou grandes” empresas, em tal grau, que muitas companhias de crédito requerem à apresentação do fluxo de caixa antes de cederem empréstimos ou financiamentos a seus utentes.

A gestão do fluxo de caixa tem uma importância muito significativa, pois irá apontar antecipadamente as deficiências em numerário para o cumprimento das responsabilidades costumeiras que a empresa possui com vencimentos para serem quitados.

Friedrich (2005, p.15) afirma que, a apropriada utilização do recurso chamado fluxo de caixa, concederá oportunidades de o administrador perceber o quanto a sua empresa é suficiente financeiramente. Esta percepção é possível através da avaliação da capacidade empresarial de formação de recursos com o intento de liquidar os compromissos e pagar os investimentos.

A fim de que a empresa seja capaz de atingir resultados significativos, é importante que todos os integrantes e setores organizacionais encontrem-se envolvidos com o alcance das metas financeiras da empresa.

Segundo Assaf Neto e Silva (2002, p.41), o fluxo de caixa não se obriga a ser uma preocupação exclusiva do setor financeiro, mas sim de todos as áreas da empresa com resultados de liquidez de caixa. Em relação aos setores são destacados pelo autor o de produção, cobrança, compras, vendas e claro, o financeiro.

Com a gestão eficiente do fluxo de caixa, tem-se o conhecimento do transcorrido, e então pode ser feita uma ótima idealização do fluxo de caixa futuro (como por exemplo de uma semana, um mês, um trimestre, etc.). O confronto entre o fluxo realizado com o projetado aponta as oscilações que manifesta os defeitos nas projeções. Essas oscilações são oportunidades excepcionais de aperfeiçoamento para novos planos.

Acrescenta-se que outra atribuição valorosa desempenhada pelo fluxo de caixa, é a viabilidade de prevenir que dispêndios significativos sejam programados para períodos em que as entradas estimadas são desfavorecidas por impasses de mercado, por exemplo.

Em relação às micros e pequenas empresas o empresário/administrador obriga-se a reter o conhecimento geral das atividades que modifiquem o caixa, isso, pois, com finalidade de administrar o caixa com a máxima eficiência. Propiciando uma excelente ferramenta as suas vendas, sejam elas à vista ou a prazo.

2.3 OBJETIVO DO FLUXO DE CAIXA

Muitos são os objetivos do fluxo de caixa, no entanto o principal deles é a percepção geral de todos os ingressos e egressos realizados diariamente, tencionando uma perspectiva melhorada dos disponíveis na categoria de ativos circulantes, podendo então caracterizar o estado de liquidez da empresa.

O objetivo que vem em primeiro lugar quando se trata da Demonstração do Fluxo de Caixa (DFC) é o de fornecer dados valiosos sobre os reembolsos e arrecadações, em competência monetária das empresas acontecida no decorrer de determinado período (IUDÍCIBUS; MARTINS; GOLBCKE, 2007, p. 38).

Uma boa gestão do fluxo de caixa em uma empresa possibilita antecipar eventos futuros, acompanhar o que vem acontecendo no presente e confrontar com eventos que ocorreram no passado, possibilitando ao gestor uma visualização adequada do desempenho financeiro no dia a dia da empresa dia após dia, podendo a partir de então o gestor antecipar resultados da empresa nos próximos meses ou mais.

Nas microempresas, em razão da simplicidade estrutural das mesmas, ou seja, sem setores e papéis totalmente definidas, o fluxo de caixa acaba por ser a contribuição principal do empreendedor nos efeitos decisórios quanto a todas as operações financeiras que alterem diretamente o caixa da empresa, como por exemplo: descontos aos clientes; prazo de pagamento; pode causar necessidade de obtenção de recursos visando o pagamento de compromissos e, obedecendo a disponibilidade da organização, podendo provocar a não ocorrência das despesas financeiras.

Isso necessita ser acatado os valores da operação, calculando-se, os custos exercidos para venda a prazo. O reforço do fluxo de caixa para o entrosamento destas decisões é essencial, sendo que nas empresas pequenas as decisões na maioria das vezes são reunidas pelo próprio empreendedor.

Para controle dos fluxos de microempresas, outro motivo é a insuficiência de caixa, condição que pode arrastar a empresa para o fracasso, independentemente de estar tendo lucro ou não. A continuidade da empresa está sujeita a disponibilidade de capital a disposição quando for necessário. A carência de dinheiro no momento apropriado pode ser decisiva para o fracasso.

- Proporcionar a elevação de recursos financeiros indispensáveis para a efetivação do plano total de operações, assim como na efetivação das transações econômico-financeiras;

- Aplicar, da melhor maneira possível, as faculdades financeiras disponíveis na empresa, abstendo a ociosidade e examinando, antecipadamente, a aplicação mais vantajosa, o tempo e a segurança dos mesmos;

- Projetar e controlar o financeiro da empresa, em termos de ingresso e desembolso de caixa, através das informações constantes nos lançamentos de venda, despesas operacionais e produção, bem como de informações relativas aos indicadores de atividades: de valores a pagar ou a receber e de prazos medianos de rotação;

- Extinguir os compromissos financeiros da empresa na data de seu vencimento;

- Alcançar o equilíbrio perfeito entre desembolsos e ingressos de fundos na empresa;

- Analisar as fontes creditícias que ofertam empréstimos mais oportunos, em caso de emergências de capital para a empresa;

- Evitar desembolso vultuosos pela empresa, em época de baixo encaixe;

- Aprimorar a gestão dos saldos em caixa e também dos créditos a receber pela empresa;

- Consentir a organização entre as faculdades que serão alocadas em ativos circulantes, investimentos, vendas e débitos. (ZDANOWICZ, 2004, P.23).

Os fluxos de caixa dão a possibilidade de os administradores financeiros terem uma ampla visão do capital disponível em suas unidades. Ele assenta como um dispositivo que oportuniza o planejamento, assim como o monitoramento dos recursos capitais de uma instituição.

Supõem-se que a demonstração do fluxo de caixa favorece a empresa mais autoconfiança e um norte na adoção de providências. Com a introdução do fluxo de caixa, o gerenciador financeiro terá que dar importância a competência da empresa, assim como ao período no qual pretende acolher informações compreensíveis e precisas que auxiliarão com êxito a performance do fluxo do caixa.

Através do entendimento dos fatos que ocorreram anteriormente, o gerente se torna capaz de elaborar uma excelente proposta do fluxo do caixa futuro.

O fluxo de caixa trabalha em ciclo a começar na aquisição de estoques e terminando no recolhimento dos valores decorrentes da venda das mercadorias a prazo.

2.4 FORMAS DE APRESENTAÇÃO DA DEMONSTRAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA (DFC)

A demonstração do fluxo de caixa evidencia como anda a competência de pagamento da empresa, deixando evidente quais as obrigações que possuem maior exigibilidade. Outra vantagem da DFC é a sua fácil conversão de informes para que todos os usuários consigam compreendê-la de forma mais coesiva e informações estas que auxiliem a controlar os fluxos da empresa.

“... a Demonstração de Fluxo de Caixa (DFC) indica a origem de todo o dinheiro que entrou no Caixa, bem como a aplicação de todo o dinheiro que saiu do Caixa em determinado período, e, ainda o Resultado do Fluxo Financeiro”. (MARION, 1998, p. 380)

A DFC auxilia e muito aos proprietários das empresas, contudo, trata-se de uma ferramenta pouco utilizada. Mas é preciso mudar esse cenário, principalmente nas micros e pequenas empresas. É preciso ter consciência que esta demonstração existe e possui finalidades, dentre as quais pode ser citado:

- A facilidade da empresa para gerar fluxo de caixa favorável;
- A capacidade em pagar integralmente as suas dívidas;
- Solvência e versatilidade financeira.

É certo que as finalidades da DFC são muitas, e que a mesma é capaz de analisar as saídas e entradas de caixa, bem como, permite que a administração da empresa seja capaz de prever se devem tomar empréstimos ou aplicar no mercado.

No concernente ao assunto Matarazzo (1998, p. 370), diz que:

A demonstração de entradas e saídas de caixa – DFC – visa mostrar o confronto entre as entradas e saídas de caixa e, conseqüentemente, se haverá sobras ou falta de caixa, permitindo à administração decidir com antecedência se a empresa deve tomar recursos ou aplicá-los.

A DFC pode ser apresentada em dois métodos: o direto e o indireto. O primeiro consiste em apresentar as entradas e saídas brutas do dinheiro, sendo que

seu saldo final irá representar o volume líquido de caixa adquirido num determinado período. Já o segundo visa demonstrar uma relação entre o lucro líquido e o caixa gerado pelas operações.

As informações inclusas na demonstração de fluxo de caixa, quando são utilizadas simultaneamente com as informações contidas nas outras demonstrações contábeis, poderão auxiliar aos usuários na verificação da competência da entidade em gerar fluxo de caixa líquido positivo decorrente de suas atividades, tendendo atender a todas as obrigações, assim como saldar os dividendos dos acionistas.

Reflete as transações de caixa das práticas operacionais, das execuções de investimento e das execuções de financiamento, assim como, a exposição de um acordo entre um fluxo de caixa líquido e de um resultado determinado pelas tarefas operacionais, tendo em vista o fornecimento de informações referentes aos efeitos líquidos das negociações operacionais e os demais acontecimentos que atinjam o resultado.

Sobre o assunto Matarazzo (1998, p.396) afirma que:

A DFC é peça imprescindível na mais elementar atividade empresarial e mesmo as pessoas físicas que se dedicam a algum negócio. Quase sempre os problemas de insolvência ou iliquidez ocorrem por falta de adequada administração do fluxo de caixa; daí a importância de sua análise.

Poucos administradores usam o recurso DFC de maneira correta e, por isto, não obtêm êxito em monitorar de forma apropriada as finanças do negócio. Tem gestores, que ainda não conhecem os métodos essenciais empregados para o gerencia dos fluxos de caixa.

A demonstração de resultado do exercício (DRE) trata-se basicamente da demonstração contábil que exhibe o saldo financeiro quando uma venda acontece, e independentemente se entrou no caixa ou não.

O regime da competência considera o fato originador da operação financeira, não importa se já foi pago a conta ou se o comprador ainda vai realizar o pagamento pelo artigo que adquiriu da empresa, o lançamento é orçado na data que o acordo foi firmado. Deste modo é possível ter uma representação, independente dos períodos de lançamento, da situação da empresa.

Como exemplo, se no dia 15 de fevereiro, a empresa efetuou 4 vendas de R\$500, sendo que duas delas foram a prazo, e contratou uma agência de entregas

por R\$600 para transportar os produtos, no regime de competência se anota essas transações no dia 15/02, independentemente de o dinheiro já ter entrado ou saído do caixa.

Por este motivo, a partir da demonstração do resultado, o administrador consegue perceber se a estrutura financeira da empresa está ordenada com o que se espera dela, ao modo que se torna viável averiguar se o molde de negócio precisa ou não de correções, sem que as casuais flutuações de resumido prazo de mercado, da macroeconomia ou do público-alvo ofusquem sua visão.

Por outro lado, esse instrumento não desempenha aquilo que verdadeiramente está acontecendo com os andamentos financeiros da empresa.

Abaixo pode são apresentadas as principais vantagens, desvantagens e diferenças, da aplicação dos métodos direto e indireto no gerenciamento da Demonstração dos Fluxos de Caixa.

2.4.1 Método direto

No método direto as atividades operacionais são elaboradas utilizando os reais recebimentos de clientes, pagamentos de fornecedores e pagamentos de despesas.

Segundo a Fipecafi (2010, p. 573), “o método direto explicita as entradas e saídas brutas de dinheiro dos principais componentes das atividades operacionais, como os recebimentos pelas vendas de produtos e serviços e os pagamentos a fornecedores e empregados”.

Para formular a DFC pelo método direto, a gerência deve destacar as ordens de recebimento e pagamentos brutos das atividades operacionais, decompondo-as por sua classe contábil (pagamentos a fornecedores, recebimentos de clientes, entre outros). Este método tem início a partir da demonstração das saídas e entradas que advieram do caixa e correspondentes de caixa.

De acordo com Almeida (2000, p. 33), o fluxo de caixa adquirido através do método direto é a receita final da integração das saídas e das entradas de caixa ocorridas nas subcontas do Disponível no decorrer de um período. A sua equação comum é: Entradas + Saldo Inicial – Saídas = Saldo Final.

Apesar de ser um método mais caro e mais difícil, tem a vantagem de criar condições favoráveis para desenvolver a classificação das entradas e saídas de

acordo com critérios técnicos e não fiscais, permitindo, ainda, que as informações de caixa possam estar disponíveis diariamente. É, atualmente, o método mais utilizado.

A alternativa para esta metodologia deve oferecer, pelo menos os seguintes tipos de recebimentos e pagamentos pertinentes às operações:

- Recebimentos de clientes;
- Juros e dividendos recebidos;
- Pagamentos de fornecedores e empregados;
- Juros pagos;
- Imposto de renda pago;
- Outros recebimentos e pagamentos

O método direto também é chamado como a abordagem das contas T (T Account Approach), e compreende em qualificar os pagamentos e recebimentos empregando as partidas duplas e apresenta como proveito consentir a geração de dados com base em discernimentos técnicos livres de qualquer intromissão da legislação fiscal. Nesta metodologia principia o esclarecimento do caixa gerado pelos procedimentos da empresa e pelo recolhimento das vendas.

Quadro 01 - Demonstração do fluxo de caixa – método direto. Fonte: QUINTANA, Alexandre da Costa (2009, p.25).

DEMONSTRAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA – MÉTODO DIRETO

Fluxos de caixa das atividades operacionais:

- Recebimento de clientes (+)
- Pagamento de Fornecedores (-)
- Pagamentos a empregados (-)
- Pagamentos de seguros (-)
- Pagamento de Impostos e outras despesas legais (-)
- Recebimentos de seguros (=)
- Caixa líquido resultante das atividades operacionais (=)**

Fluxos de caixa das atividades de investimentos:

- Recebimento por venda de imobilizado ou intangível (+)
- Pagamento por aquisição de imobilizado ou intangível (-)
- Pagamento por aquisição de outras empresas (-)
- Caixa líquido resultante das atividades de investimentos (=)**

Fluxo de caixa das atividades de financiamento:

- Recebimento por empréstimos obtidos (=)
- Recebimento por emissão de ações (+)
- Pagamento por aquisição de ações próprias (-)

Caixa líquido resultante das atividades de financiamento (=)

Aumento/diminuição líquido de caixa e equivalentes de caixa(=)

Caixa e equivalente de caixa – início do ano

Caixa e equivalente de caixa – final do ano

Campiglia (1997, p.60), afirma que: "o método direto de demonstração de fluxos de caixa é baseado nos registros contábeis analíticos, inscritos nas contas de caixa e bancos. Assim, ordenadamente tabulados, estes registros nos possibilitam a elaboração do fluxo em face das exigibilidades e as outras eventuais destina os recursos".

Na preparação da Demonstração dos Fluxos de Caixa - DFC pelo método direto, os valores podem ser diretamente levantados na escrituração contábil, tendo por base, a própria conta sintética de caixa do livro razão e seu desenvolvimento analítico expresso em livro especial destinado a esse fim. Para estes trabalhos a informática é um instrumento funcional para o tratamento dos dados do fluxo.

2.4.2 Método indireto

Para se elaborar a DFC pelo método indireto, a diferença está nas atividades operacionais. Ao invés de apresentarem os reais recebimentos de clientes e pagamentos de fornecedores e despesas, serão elaboradas ajustando-se o lucro líquido e considerando as variações das contas patrimoniais relacionadas com a DRE. As atividades de investimento e de financiamento serão idênticas às do método direto.

Segundo Quintana (2009, p. 24), o método indireto da DFC é baseado nos lucros ou infortúnios do DRE, que precisa estar ajustado pelos itens econômicos como a depreciação e a amortização, além de variações nas contas patrimoniais. Por se basear na DRE e não diretamente em uma análise dos fluxos de caixa, recebe este nome.

Com a vantagem de oferecer baixo custo, uma vez que basta a utilização dos balanços patrimoniais referentes ao início e ao final do período, a demonstração de resultado do exercício (DRE) e algumas informações extras obtidas na contabilidade, para elaborar esse método, o método indireto pode conciliar o produto contábil com o fluxo de caixa operacional líquido e mostrar, por exemplo, como se compõe a diferente.

O método, no entanto, é imperfeito por não lidar diretamente com as informações da DFC já em um primeiro momento. Como é preciso converter as informações do regime de competência para o regime de caixa, o processo pode ser

mais lento e apresentar surpresas desagradáveis caso seja feito em um período de intervalo muito grande de um para outro.

Se existirem quaisquer alterações na legislação fiscal e nos princípios contábeis, como exemplo, a metodologia pode evidenciar uma cadeia de distorções. Este método possui uma considerável semelhança com a Demonstração de Origens e Aplicações de Recursos e apresenta-se da seguinte forma:

Quadro 02 – Demonstração do fluxo de caixa – método direto. Fonte: QUINTANA, Alexandre da Costa (2009, p.25).

DEMONSTRAÇÃO DOS FLUXOS DE CAIXA – MÉTODO INDIRETO

Fluxos de caixa das atividades operacionais:

Lucro Líquido antes do imposto de renda e da contribuição social

Ajustes:

Depreciação e amortização (+)

Provisão para devedores duvidosos (+)

Aumento/diminuição em fornecedores (+/-)

Aumento/diminuição de contas a pagar (+/-)

Aumento/diminuição em clientes (+/-)

Aumento/diminuição em estoques (+/-)

Imposto de renda e contribuição social pagos (-)

Caixa líquido resultante das atividades operacionais (=)

Fluxos de caixa das atividades de investimento:

Recebimento por venda de imobilizado ou intangível (+)

Pagamento por aquisição de imobilizado ou intangível (+)

Pagamento por aquisição de outras empresas (-)

Caixa líquido resultante das atividades de investimento (=)

Fluxos de caixa das atividades de financiamento:

Recebimento por empréstimos obtidos (+)

Recebimento por emissão de ações (+)

Pagamento por aquisição de ações próprias (-)

Caixa líquido resultante das atividades de financiamento (=)

Aumento/diminuição do líquido de caixa e equivalentes de caixa

Caixa e equivalentes de caixa – início do ano

Caixa e equivalentes de caixa – final do ano

A elaboração da demonstração dos fluxos de caixa é mais facilitada ao se utilizar o método indireto, que usa dados constantes nas outras demonstrações contábeis, fato que vem promovendo sua maior aceitação pelas empresas a nível internacional. Mesmo sendo o método direto de melhor ajuste às necessidades da administração financeira da empresa, pois lida diretamente com os fluxos de caixa durante o exercício, as empresas ainda preferem utilizar o método indireto devido a facilidade em sua elaboração.

3 O FLUXO DE CAIXA NAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS

3.1 A EFICIÊNCIA DO FLUXO DE CAIXA

Conceitua-se fluxo de caixa como a ferramenta que afere os dados orçamentários da empresa, onde todas as movimentações de pagamento e recebimento são controladas. Quando uma organização não utiliza dessa ferramenta ela pode ter problemas com seu caixa, esse risco acontece de forma mais perigosa as micros e pequenas empresas, pois elas tendem a ser mais frágeis e costumam ter pouca experiência para lidar com esses problemas.

Conforme Kuster e Nogacz (2002, p. 34), “a importância do fluxo de caixa para as micros e pequenas empresas se dá pelo fato de que vem a propiciar melhorias na habilidade gerencial dos seus administradores”.

O fluxo de caixa empresarial é essencial para assimilar como o capital disponível está sendo gerenciado, o balanço patrimonial e a demonstração do resultado do exercício proporcionam somente uma parcela do quadro. A demonstração do resultado do exercício exibe, os lucros atingidos no período contábil. Porém lucros não significam dinheiro vivo.

O gerenciamento do fluxo de caixa é uma função financeira determinante. É imprescindível que quem administra o financeiro compreenda de onde provém o fluxo de caixa, também como ele é usado pela empresa, visto que isso representa a distinção entre o fracasso financeiro e o sucesso.

Segundo Figueiredo e Caggiano (1997, p.72) o estabelecimento de um planejamento proporciona manter um plano integrado dentro das empresas, para que a partir dele sejam realizadas operações consistentes e conscientes de acordo com os objetivos e as metas da companhia, tanto no curto, médio e no longo prazo, no entanto, para a continuidade desse modelo de gestão faz-se necessário a análise e revisão constante desse planejamento, comparando os resultados obtidos com as metas traçadas anteriormente, diante disso, surge como uma alternativa eficiente a utilização de um sistema de informações gerenciais (SIG), para uma gestão informatizada das informações e para que estas estejam sempre à disposição da gerência de forma acessível e clara.

Segundo Vieira (2005, p.53), uma interpretação extensiva e integralizada do avanço da liquidez da instituição é correspondente do orçamento de caixa ou do fluxo de caixa projetado.

Assim sendo, fluxo de caixa é o expediente onde são relacionadas as entradas e saídas do caixa num período de tempo estabelecido pela organização e que propicia a identificação antecipada de escassez ou excedentes de caixa.

Atualmente os administradores de empresas e investidores buscam a cada dia mais conhecer o fluxo de caixa gerado pelos ativos da empresa administrada ou investida, uma vez que este vem demonstrar a origem e a aplicação dos recursos, no atual contexto, uma boa gestão do fluxo de caixa não está mais relacionada apenas à sobrevivência da empresa no mercado, mas sim como uma ferramenta de planejamento, controle e gestão dos objetivos e metas traçadas pelas empresas.

O fluxo de caixa é um recurso inevitável para as tomadas de decisões, em razão de ser através das respostas obtidas do caixa que a empresa irá proceder, evidenciando a influência do planejamento no equilíbrio financeiro. Tratando-se de um expediente gerencial que propicia firmar o procedimento decisório, os esclarecimentos devem estar instruídos pelo fluxo de caixa.

É possível pressupor que o fluxo de caixa transparece e presume o que irá ocorrer no setor financeiro da empresa em um estipulado período. Devido envolver informações precisas da condição financeira e também por ser de fácil compreensão, ele é muito utilizado pelas empresas, pois o fluxo de caixa é um atenuante para as tomadas de decisões.

Transcorrendo um sincronismo no fluxo de caixa, a gerencia financeira terá segurança para estipular quando poderá tomar sua decisão. Tendo o equilíbrio pretendido de ingressos e de desembolsos, será mais fácil para que sejam tomadas as decisões.

Para alcançar o sucesso com a utilização do fluxo de caixa, considera-se de grande importância a criação de uma tradição de sistematização e planejamento na empresa.

Precisa-se que exista uma ligação entre o administrador financeiro com os outros departamentos da organização, facilitando os trabalhos de registro, verificação e análise de todos os movimentos financeiros que acontecem na empresa.

O fluxo de caixa permite também outras diferentes análises, como a de avaliar o momento mais propício para realizar novas aquisições, renovar estoques e até mesmo realizar investimentos, esquematizando tudo isso para que os dispêndios ocorram concomitantemente à geração de caixa, impedindo que a empresa fique no vermelho.

E ainda, o fluxo de caixa oportuniza a identificação de ocasionais desvios no uso do caixa, salienta aplicações infrutíferas dos expedientes disponíveis e expõe a liquidez quase que instantânea da empresa, isto é, as ociosidades financeiras de maior possibilidade para serem utilizadas.

Na administração, a relevância do fluxo de caixa no gerenciamento financeiro é indiscutível. É preciso observá-lo e avaliar seus dados continuamente, o que proverá mais fundamento para que a empresa possa crescer cada vez mais.

O fluxo de caixa auxilia na orientação do administrador financeiro a respeito do cenário realista da empresa, apontando déficit ou superávit de recursos em um período aprazado, de maneira que as medidas tomadas com auxílio do fluxo de caixa favoreçam a organização. Em suma, pode ser dito que um fluxo de caixa eficiente traz maiores possibilidades ao administrador financeiro na hora de tomar decisões acertadas, contando também com a contribuição da empresa no retorno das informações.

Silva (1996, p.20) assegura o fluxo de caixa como um dos principais instrumentos de análise, o qual proporciona uma verificação analítica da circulação, entrada e saída, de recursos financeiros, tanto para controlar os eventos atuais dentro da empresa assim como para projetar ações futuras da empresa.

A flexibilidade e a capacidade de moldar-se de acordo com as necessidades informacionais de cada usuário, conferem ao controle de fluxo de caixa um lugar de destaque no procedimento de gerenciamento da gestão empresarial. À vista disto, Gomes (1997, p. 80), robustece este entendimento, quando explica que “a flexibilidade e a capacidade de adaptação, obrigatoriamente implícita nos processos de controle, se apresentam como o marco divisório entre a má e a boa gestão”.

A aquisição de resultados mais oportunos para a empresa estar sujeita a adequada administração do fluxo de caixa. A melhora da capacidade de geração de caixa, ligada a seu plano para os períodos futuros, potencializa o aproveitamento tanto dos recursos próprios quanto o de terceiros em trabalhos mais lucrativos. Diminuindo expressivamente a necessidade de financiar os investimentos em giro.

No entanto, uma gestão financeira eficiente pressupõe o acompanhamento constante, através de seus instrumentos de controle. Assaf Neto e Silva (1997, p.65), ressaltam que “em verdade, a atividade financeira de uma empresa requer acompanhamento permanente de seus resultados, de maneira a avaliar seu desempenho, bem como proceder aos ajustes e correções necessários”. Assim, a melhoria do desempenho financeiro culmina com a análise continuada das decorrências financeiras obtidas pela empresa.

Segundo Assaf Neto e Silva (2009, p.42) a sustentação de saldos de caixa oferece folga financeira de imediato à empresa, despontando melhor habilidade de pagamento de suas obrigações. Neste posicionamento, a administração não deve manter suas reservas de caixa em valores muito elevados como forma de maximizar a liquidez. Ao contrário, deve buscar um volume mais adequado de caixa sob pena de incorrer em custos de oportunidade crescentes. É indispensável que a empresa avalie criteriosamente o seu ciclo operacional de maneira a sincronizar as características de sua atividade com o desempenho do caixa.

Nesse sentido, é importante avaliar que as limitações de caixa não se constituem exclusivamente em empresas que convivem com prejuízo. Empresas lucrativas podem também apresentar problemas de caixa como consequência do gerenciamento operacional. Por outro lado, problemas de caixa costumam ocorrer, ainda, em lançamentos de novos produtos, fases de expansão da atividade, modernização produtiva, etc.

Hoji (2010, p.34) comenta que o fluxo de caixa relata os diversos movimentos financeiros em apurado período de tempo e a administração do mesmo, têm como objetivo manter uma liquidez continua e imediata, pois é essencial para a manutenção das ocupações da empresa. Assim, por não incorporar explicitamente um retorno operacional, o saldo de caixa deve ser o mais baixo possível, apenas o suficiente para cobrir as necessidades associadas à diferença dos fluxos de recebimentos e pagamentos. Deve-se ter em conta que saldos mais reduzidos de caixa podem provocar, entre outras consequências, perdas de descontos financeiros vantajosos pela incapacidade de efetuar compras à vista. Por outro lado, elevada liquidez imediata proporciona segurança financeira à empresa, mas, no entanto, tem maior custo de oportunidade. Em essência, este é o dilema entre risco e rentabilidade presentes nas finanças das empresas.

Segundo Araújo (2006, p.29) o Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste - FCO é o resultado financeiro (no sentido estrito de caixa) produzido pelos ativos identificados diretamente com a atividade da empresa, ou seja, contém o resultado das operações relacionado às atividades fins da empresa e, com este, pode-se calcular um índice de liquidez diferente daquele obtido no Balanço Patrimonial, isto é, índices de liquidez apenas com variáveis contábeis operacionais.

Ainda de acordo com Araújo (2006, p.31) o FCO surge das operações normais da empresa e é obtido através da diferença entre as receitas de vendas e as despesas que resultam em desembolso de caixa, incluindo os impostos pagos. Constitui-se, de fato, numa medida dos recursos financeiros gerados pelas atividades estritamente operacionais e disponíveis em termos de caixa.

Lima (2003, p.51) afirma que a maior parte das pesquisas comportamentais em finanças, foi realizada em nível do investidor individual. O mercado financeiro reflete o resultado do comportamento de um grande número de indivíduos. Em suma, uma implícita suposição das finanças comportamentais é que suas descobertas em nível do indivíduo podem ser escalonadas ao nível do mercado. Isto ainda não está comprovado. E, assim sendo, este parece ser um dos problemas para as finanças comportamentais.

Uma das críticas contra essa nova teoria, por exemplo, é que a eficiência do mercado por si só não é testável. A eficiência do mercado deve ser testada junto com um modelo de retornos esperados. Lima (2003, p.87) conclui que as finanças não possuem testes eficazes suficientes para distinguir a ineficiência de mercado de seus ineficientes modelos de precificação de ações. Consequentemente, não existiria jeito conclusivo de estabelecer o modelo mais correto, a moderna teoria financeira ou as finanças comportamentais.

De acordo com Bruni (2002, p.34) se os modelos de equilíbrio assumem premissas de mercados eficientes, a própria eficiência só pode ser testada para um conjunto de ativos que possuam níveis diferentes de risco, através da utilização de um modelo que permita fazer considerações e ajustes em relação a estes riscos. Ao serem encontrados novos fatores além do beta, que de forma significativa apresenta relação com os retornos esperados, surgiria a dúvida se esta característica seria um indicador de mercados ineficientes ou de falha no modelo empregado.

É de suma importância visualizar o fluxo de caixa não somente como método sistemático de organizar o fluxo monetário da empresa, mas principalmente usar tal

ferramenta como uma engrenagem principal de gestão trazendo inovações para dentro da empresa, criando setores e categorias de entradas e saídas para melhor visualização do transitar dos recursos da empresa.

Cabe ao gestor conhecer em todos os aspectos a sua empresa do qual a seu critério e a necessidade do mercado ele deve fazer substituições dos procedimentos e criar métodos de acordo com o mercado para promover a gestão de preços e promoções sazonais para obter maiores lucros e rentabilidade no intuito de aumentar as entradas de recursos em seu empreendimento.

Essa eficiência inclui também num controle rápido e sistemático das informações financeiras da empresa com projeções de gastos e investimentos e um planejamento para atender sua clientela nos momentos de maior fluxo do mercado, incluindo as atuações sazonais que o mercado brasileiro é submetido.

Segundo Kuster e Nogacz (2002, p.40), ainda falando do planejamento, há a probabilidade de projeção do fluxo de caixa, que dá ao gestor uma visão mais ampla e futura das finanças e outros exteriores ligados à gestão da empresa, para cobrir uma programação acelerada.

Diante disso, podemos definir o fluxo de caixa como um instrumento que permite um planejamento estratégico eficaz, proporcionando ao administrador financeiro planejar, controlar, acompanhar de maneira ordenada a execução financeira de sua empresa.

3.2 A IMPORTÂNCIA DAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS

Microempresa é uma definição criada pela Lei n. 7.256/84 que atualmente está regulada pela Lei complementar n. 123, de 14.12.2006, que também estabelece normas para as empresas de pequeno porte, em suporte ao disposto nos artigos. 170 e 179 da Constituição Federal, assegurando-as com abordagem diferenciada e simplificada nas esferas, administrativa, crédito, fiscal, trabalhista, previdenciária, e de andamento empresarial.

As micros e pequenas empresas, assim, novamente segundo o que aponta o (SEBRAE, 2013, p. 01), poderão contribuir para o desenvolvimento de segmentos econômicos; melhorar os seus resultados próprios; serem incentivados a busca de novos mercados e de novas tecnologias; seus gestores sendo sensibilizados para a

prática de comportamentos adequados frente aos desafios atuais e futuros e, por consequência, desenvolvendo novas lideranças empresariais.

Dentre as principais características que podem ser descritas acerca das micro e pequenas empresas estão, segundo Gonçalves (2002, p. 76): atividade comercial onde os proprietários e funcionários são membros de uma mesma família; a contratação de mão-de-obra é mais ágil e direta; pouca clareza quanto aos registros contábeis; baixo investimento em inovação tecnológica; pouco distanciamento no tocante a pessoa física e jurídica, especialmente nas questões contábeis; decisões da organização são centralizadas; mão-de-obra não qualificada ou com pouca qualificação; pouco recurso financeiro; subordinação em relação a empresas de grande porte.

As microempresas e as empresas de pequeno porte são caracterizadas de diversas formas por entidades governamentais e não governamentais. As formas de classificação mais utilizadas são de acordo com a renda bruta anual e o número de funcionários.

As microempresas e as empresas de pequeno porte são aquelas com menor capacidade econômico, conforme está disposto na Lei Complementar 123, em seu art. 3º:

"Consideram-se microempresas ou empresas de pequeno porte, a sociedade empresária, a sociedade simples, a empresa individual de responsabilidade limitada e o empresário (...), devidamente registrados no Registro de Empresas Mercantis ou no Registro Civil de Pessoas Jurídicas (...) no caso da microempresa, aufera, em cada ano-calendário, receita bruta igual ou inferior a R\$ 360.000,00 (trezentos e sessenta mil reais); e (...) no caso de empresa de pequeno porte, aufera, em cada ano-calendário, receita bruta superior a R\$ 360.000,00 (trezentos e sessenta mil reais) e igual ou inferior a R\$ 4.800.000,00 (quatro milhões e oitocentos mil reais)".

Fundamentando-se nesta definição, é viável a percepção que ao ser falado de microempresa está falando de negócios empresariais com faturamento bruto médio mensal da ordem de R\$ 30.000,00 (trinta mil reais) e de faturamento médio de até R\$ 400.000,00 (quatrocentos mil reais) quando falamos em empresa de pequeno porte, dados que por si só já nos permite atribuir uma importância relativa ao segmento.

É claro que esse conceito tirado da legislação nos dá a impressão de que micro e pequena empresa está ligada somente a questão do exercício de atividade

empresarial com menor potencial econômico, porém essa é uma visão equivocada, haja vista que esta atividade é muito mais do que isso. É um mecanismo de políticas governamentais para a distribuição de renda e redução de desigualdades sociais e regionais, é celeiro potencial de geração de oportunidades, empregos e renda.

As micros e pequenas empresas situados no país possuem fortes funções, especialmente a de impulsionar o desenvolvimento do País. As pequenas empresas que se encontram abertas são importantes para potencializar o crescimento seja da cidade, do estado ou do país, contribuindo para uma elevação nas arrecadações e no fornecimento de emprego e renda.

Outro papel importante das micro e pequenas empresas é a diminuição da desigualdade social, pois é a principal corda para a geração de empregos no país, demonstrando a competência para expandir, associando a uma essência empreendedora da sociedade até mesmo perante ao alto peso tributário e da imensa burocracia que interdita a concepção de novos empreendimentos. Não é o bastante ter somente a pretensão de começar um negócio, há a necessidade de ter a criatividade e a habilidade de conviver em ambientes de alta complexidade e desafiador, envolvendo taxas de juros altas, competitividade, burocracias e a ausência de um apoio maior governamental para MPE.

A fim de que o setor permaneça expandindo de forma continua suas atividades, são indispensáveis mecanismos que possam permitir que as microempresas, apresentem vantagens competitivas relacionado aos grandes empreendimentos, principalmente em relação a propagação do crédito, assim como linhas exclusivas de financiamento, agregadas às garantias, para que o governo ofereça maiores condições as empresas para que elas possam ir em busca de melhores condições de empréstimos mirando o financiamento de seus produtos e/ou seus serviços.

As MPE's são responsáveis por uma grande maioria de empregos formais em todo o País, segundo os dados do BNDES, mais de 13 milhões de trabalhadores, demonstrando a importância de investimento nas MPE's, associados a políticas públicas voltada para esse setor, visando aumentar a força e a capacidade de crescimento dessas empresas. No Pará, as micros e pequenas empresas, representam mais de 98% das empresas instaladas no estado, isso demonstra a força e a importância que essas MPE's vem desempenhando no estado e contribuindo para o seu desenvolvimento.

Diante do cenário, para que o estado tenha empresas competitivas, seria necessário um melhor tratamento para as Micros e Pequenas, uma carga tributária menor, uma política de incentivo que atenda com maior amplitude os anseios do setor, bem como realizar uma política de desburocratização ainda maior e que facilite a abertura e o fechamento das MPE's, associada a uma política de Estado que possa enxergar as Micros e Pequenas como a mola propulsora para o desenvolvimento da cidade.

A cargo da relevância do papel realizado pelas MPE para a criação de emprego, nos mais distintos países, políticas públicas de apoio à sua formação têm sido praticadas, principalmente a contar do ano de 1970. No Brasil, muito importantes têm sido as microempresas para a economia e em março de 2013 o governo da ex-presidente Dilma criou uma secretaria (SMPE – Secretaria da Micro e Pequena Empresa) para abordar unicamente de temas relativos a elas. Entre as diligências pelo governo já tomadas, com a finalidade de estimular e promover as MPE, destacam-se, no âmbito federal, a divulgação do Estatuto da Microempresa e Empresa de Pequeno Porte, a Lei do Simples Federal e, de modo recente, a Lei do Simples Nacional.

O Simples Nacional - Regime Especial Unificado de Arrecadação de Tributos e Contribuições devidos pelas Microempresas e Empresas de Pequeno Porte foi estabelecido pela Lei Complementar n. 123/2006. Nele são apresentadas as vantagens principais para quem opta por ele, a probabilidade de menor tributação do que nos procedimentos do lucro real ou presumido, além da simplicidade no acolhimento da legislação trabalhista, tributária e previdenciária ao passo que os vários tributos compreendidos pelo sistema podem ser pagos por meio de uma única guia. Dessa forma, são generosamente reduzidos os gastos de consenso à tributação que alcançam a desigualmente as MPE.

Considerando que o cenário de crescimento econômico embora afetado pela crise mundial, veio evoluindo nos últimos anos em razão do controle inflacionário e da estabilização da moeda nacional, a tendência também é de crescimento nesse número que já possuía indicadores favoráveis. Acrescente-se aí, o fato da ausência de investimentos e políticas públicas de financiamento da atividade empresarial no Brasil, ou seja, quem possui recursos (grandes empresas), investe em produção, os que não dispõem de recursos próprios (micro e pequenas empresas) dependem

exclusivamente de mecanismos de financiamento e de políticas públicas voltadas ao segmento.

3.3 CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO E LEGISLAÇÃO RELATIVAS AS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS

Apesar de todas as dificuldades que se encontram pelo caminho – alta carga tributária, mercado extremamente competitivo, e, em muitos casos, poucos recursos financeiros – o brasileiro tem a alma empreendedora.

No ano de 2016, de acordo com relatório de resultados exibido pelo Sebrae, o Brasil ultrapassou a marca de 11,6 milhões de pequenos negócios. Se for analisado que vivemos em uma situação de total emprego e que a maior parte das iniciativas de abertura de negócio se deu em virtude de visões de chance – e não por ausência de alternativas – as informações são realmente animadoras.

“Ao longo de 2013, o empreendedorismo mostrou, mais uma vez, sua importância para a economia brasileira. Mais de um milhão de empreendimentos optaram pelo regime do Simples Nacional do ano passado”, diz Luiz Barreto, presidente do Sebrae Nacional, a respeito da pesquisa.

O custo da regulamentação dos pequenos empreendimentos é verdadeiramente avaliado quando ressaltamos o impacto da MPEs no mercado trabalhista. “Em 2013, a maior formalização dos pequenos empreendimentos e a entrada de novos empreendedores no mercado de trabalho. As MPEs foram responsáveis por cerca de 75% de todos os empregos gerados no país em 2013, respondendo por 840 mil postos de trabalho de um total de 1,12 milhão”, aponta o relatório *RESULTADOS 2013* do Sebrae.

Em meio aos desafios encontrados pelas micro e pequenas empresas, a burocracia integra uma das principais dificuldades ao seu desenvolvimento, pois limita sua concorrência e colabora com a informalidade de negócios de pequeno porte. Agenciar a desburocratização, incitando os municípios a facilitar processos e normas, viabilizando e encurtando o tempo desperdiçado nos procedimentos de abertura, de alteração e de fechamento das pequenas empresas.

Com base nas alterações realizadas pela Lei Complementar 147, de 2014, o microempreendedor individual (MEI) começou a ser qualificado como política pública de estímulo à regularização e inclusão social. Este raciocínio demonstra a influência

econômica e social do MEI, e o incentivo da formalização choca diretamente com o crescimento territorial.

O MEI desfruta de benfeitorias mais amplas, entre elas ressalta-se a garantia de que todos os custos relativos à abertura, licença, alvará, funcionamento, alterações, entre outras, estão comprimidos a zero. A taxa de informalidades no país é muito elevada, sendo ainda a prática de emitir alvarás para pessoa física muito comum.

Foi detectado também um elevado índice de MEI que se encontram irregulares diante a prefeitura, não tendo alvará de funcionamento e de localização atualizado, e nem as outras licenças. Objetivando solucionar essa conjuntura, estão sendo recomendados mutirões de regularização e normatização, promovendo facilidade ao acesso dos micros empreendedores à Tributação, Vigilância Sanitária e Meio Ambiente.

O Agente de Desenvolvimento, um bom articulador das políticas públicas de crescimento local e regional, juntando forças de empresários, do poder público, e de lideranças ao redor desse objetivo. O proposto é que consista em um Agente de Mudança, instigando ações benéficas para as MPE. Nos dias atuais, 100% dos municípios brasileiros possuem Agentes de Desenvolvimento, e isso têm contribuído fortemente para a abrangência de resultados significativos pelo plano de Desenvolvimento econômico e territorial - DET.

A Lei Complementar nº 123, de 14/12/2006, inseriu no ordenamento jurídico brasileiro o novo Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte.

Conforme com o artigo 3º da Lei Complementar nº 123, de 14/12/2006, considera-se Microempresa a sociedade simples e o empresário referido no art. 966 do Código Civil, propriamente registrados, possuindo receita máxima ao ano de até R\$ 360.000,00 (trezentos e sessenta mil reais); e a Empresa de Pequeno Porte é aquela, com as mesmas condições supracitadas, tenha receita ao ano entre R\$ 360.000,00 (trezentos e sessenta mil reais) e R\$ 4.800.000,00 (quatro milhões e oitocentos mil reais), ou seja, o Estatuto mudou as regras que eram aplicadas às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte, constituindo como critério principal de enquadramento o resultado das empresas anual.

O legislador pátrio procurou acolher a previsão da Constituição da República de 1988, a qual garantiu a diferenciação e favorecimento no tratamento fornecido às

Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (arts. 170, IX e 179), experimentando impulsionar a atuação das pequenas empresas no mercado.

Dessa forma, o Estatuto redefinido penetrou no domínio do direito administrativo, especialmente por agenciar uma cadeia de modificações nas normas gerais das licitações públicas, as quais serão debatidas no atualizado estudo.

O direito administrativo tem como base princípios que sistematizam o funcionamento da Administração Pública, evidentemente quando se trata da polêmica que abrange as "Licitações Públicas". Neste ícone, não cabe interpretações de lei, tem que ser cumprido plenamente tais princípios para que a gestão administrativa dos recursos públicos se englobem dentro dos aspectos legais.

Na análise da Lei Complementar nº 123/2006 identifica-se o posicionamento legislativo em que incentiva os pequenos empresários através da execução das despesas públicas, entretanto, é notório que tais incentivos causem impactos na arrecadação pública, pois são custeados pela sociedade e não devem ser negligenciados.

Assim, será esquematizado um paralelo entre as Licitações Públicas e o tratamento distinto e favorecido às pequenas empresas, de modo a evidenciar se a Lei Complementar nº 123/2006 mostrar-se como uma alternativa essencial no desenvolvimento social e econômico, sobretudo por intermédio dos acordos realizados pelo Poder Público.

4 EFICIÊNCIA NA GESTÃO DO FLUXO DE CAIXA: ANÁLISE EM DUAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DE ITAITUBA/PA.

4.1 PROCESSO METODOLOGICO DA PESQUISA

Os expedientes básicos analisados caracterizam-se em uma sustentação de estudo direcionado para a análise da eficiência na gestão do fluxo de caixa, com o intuito de assimilar a sua resposta na lucratividade e na evolução das micro e pequenas empresas.

Baseado nisto a pesquisa de caráter bibliográfico exploratório, pretende traçar a sua finalidade e os objetivos, buscando concepções para referenciar a estruturação da pesquisa.

Cervo e Bervian (2002, p. 90) consideram a metodologia da pesquisa como uma ferramenta de busca utilizada para descobrir a realidade dos fatos, de forma que não haja dúvida sobre os meios de investigação que serão empregados, ressaltam ainda que a metodologia é um processo ordenado de um planejamento geral de execução.

A caracterização desta pesquisa em termos metodológicos é descritiva. Este tipo de pesquisa para Prestes (2012, p. 53) ocorre através da observação, registros, análises, classificação e interpretação dos acontecimentos, sem que haja a intervenção do pesquisador na manipulação dos resultados. Na concepção de Silva (2010) as pesquisas descritivas exigem uma total responsabilidade do pesquisador, para que haja uma validação científica, e que para isso é importante organizar as técnicas, procedimentos e teorias que auxiliarão na coleta e interpretação das informações.

A abordagem deste estudo é por meio de uma ênfase qualitativa e quantitativa, que conforme Beuren (2006, p.12) a pesquisa qualitativa idealiza-se através de um exame mais específico em relação ao fato que está sendo estudado e a quantitativa por sua vez indica a coleta de informações realizadas para descobrir as variáveis, empregando técnicas e dados estatísticos para quantificá-los. A base quantitativa será utilizada com a finalidade de colher informações que admitam a avaliação da importância do fluxo de caixa para o crescimento organizacional, buscando analisar os reflexos no lucro ocasionados pelo controle orçamentário.

Diante das informações coletadas com base teóricas, entende-se que as metodologias indicadas são as que se adéquam ao estudo proposto.

O exame das informações adquiridas por meio desses instrumentos de pesquisa será analisado e discutido no decorrer do estudo, demonstrando em quadros, tabelas e gráficos, o resultado da pesquisa para o melhor entendimento dos demais interessados.

4.2 APRESENTAÇÃO DAS EMPRESAS ANALISADAS

As empresas nas quais foram feitas as pesquisas são o Sistema Beniks de Ensino e a DB Serviços e Transportes.

O Sistema Beniks de Ensino (SBE) iniciou suas atividades no dia 11/04/2012, está sediada no município de Itaituba e fica localizada na Avenida Marechal Rondon, nº 33-A, Aeroporto Velho, seu telefone para contato é (93) 99218-4759, inscrita no CNPJ nº 15.074.162/0001-41. Seu ramo de atuação são cursos preparatórios para concursos e cursos profissionalizantes.

A DB Serviços e Transportes está iniciou suas atividades em 21/06/2012, encontra-se sediada no município de Porto Velho na Avenida Joaquim Nabuco, nº 501, Santa Bárbara e possui duas extensões, uma na Bahia e a outra que foi utilizada para a presente pesquisa no município de Itaituba na Avenida Marechal Rondon, 33-B, Aeroporto Velho, telefone (93) 99205-4679, inscrita no CNPJ nº 15.752.717/0001-67. Seu ramo de atividade principal é o serviço de transporte de passageiros e locação de automóveis com motorista.

Tanto o Sistema Beniks de Ensino quanto a DB Serviços e Transportes buscam abrir a porta da oportunidade para quem busca se profissionalizar e conquistar sua estabilidade financeira.

4.3 PERFIS DOS INTREVISTADOS

O entrevistado no Sistema Beniks de Ensino (SBE) foi o próprio proprietário Beniks Silva Sousa, que se denominou como administrador geral da empresa, formada em matemática, tem 36 anos e será chamado de entrevistado A.

O entrevistado na DB Serviços e Transportes foi o Bruno Freire de Oliveira, Sócio no negócio, informou ter nível superior incompleto, tem 29 anos e será chamado de entrevistado B.

4.4 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

4.4.1 Setor principal da empresa

Na primeira pergunta foi questionada qual a área mais importante dentro da empresa e por que achavam isso.

O entrevistado A respondeu que para ele é o financeiro, pois é o setor que sustenta o funcionamento da empresa para que ela consiga continuar atuando firmemente em suas atividades. Já o entrevistado B informou que o principal era o de captação de clientes, pois é o setor que “traz o capital e longevidade da empresa”.

Os entrevistados têm ideias divergentes, e para essa questão não se tem uma resposta certa, cada empresário tem uma ideia diferente de acordo com as atividades de sua empresa.

Segundo Henrique (2016, p. 08), não há um setor com mais importância para o funcionamento de uma empresa, todos eles são de extrema importância para a organização, mas o que existe são departamentos mais notáveis, no entanto está notoriedade depende do ramo de atividade da organização e dos seus resultados.

4.4.2 Dificuldades da gestão financeira

Sobre a gestão financeira foi questionado na pergunta de número 2 quais as dificuldades encontradas ao fazê-la.

O entrevistado A respondeu que como ele nunca fez nenhuma especialização no assunto no começo foi um pouco difícil, mas com a pratica foi aperfeiçoando, porém, a maior dificuldade é a de não deixar nenhuma informação de fora.

O entrevistado B respondeu que o controle dos gastos são sempre a maior dificuldade, pois o desejo do empreendedor é sempre oferecer o melhor ao cliente e esse melhor tem um custo alto.

Alcançar maiores lucros é a finalidade de toda empresa, independente do seu porte. No entanto, esse objetivo somente pode ser alcançado por organizações que atendem a gestão financeira um fator determinante para o desdobramento satisfatório do seu negócio. Por isso, o controle das finanças segue sendo um dos grandes desafios para as pequenas empresas, especialmente quando os administradores não obtêm êxito em planejar adequadamente o fluxo de caixa da sua empresa.

Segundo Almeida (apud Kassai, 1997, p. 30), não é essencial que o gerenciador de pequenas empresas tenha uma ciência profunda das técnicas de administração e contabilidade para assegurar uma adequada gestão, considerando a simplicidade do funcionamento de uma MPE. O importante é moldar as teorias e técnicas conhecidas, aperfeiçoadas e executadas pelas grandes empresas para a realidade, capacidade e necessidade das micro e pequenas empresas.

4.4.3 Análise do fluxo de caixa

Na terceira questão continha a pergunta: Com que frequência você faz a análise do fluxo de caixa de sua empresa? E na quarta foi perguntado se são feitos os controles de entradas e saídas de caixa e se existe um espaço específico para tal.

Em relação a terceira pergunta o entrevistado A respondeu que não faz com muita frequência em média seria de duas vezes por mês e sobre a quarta pergunta ele disse que utiliza tanto de planilhas do excel, como de anotações em caderno específico para anotações de entrada e saída.

O entrevistado B respondeu que faz sua análise semanalmente e utiliza de gráficos e planilhas do Excel, mas ele não tem um setor específico para essa função.

Controlar as receitas e despesas é fundamental sob múltiplos panoramas. E um destes é o financeiro. Se por acaso a empresa apresente muitas saídas e raras entradas, apresentará contratempos de caixa. Por isso se faz necessário o acompanhamento dos recebimentos e pagamentos para compará-los no período. A tecnologia também tem atuado como aliada na hora de controlar as receitas e despesas.

Para Lacerda (2012, p. 46), fluxo de caixa é o expediente mediante o qual se obtém as entradas e saídas de caixa. Por seu intermédio, a empresa será capaz de

verificar a capacidade de pagamento por determinado período, se há possibilidade de investimentos, em qual data será melhor para se programar determinada compra; enfim, é o orientador da empresa para suas tomadas de decisão.

4.4.4 Receitas e despesas futuras

No quinto questionamento pergunta-se de que forma o entrevistado faz a identificação das receitas e despesas dos próximos meses e se ele sabe quanto tem a receber ou pagar como, por exemplo, nos próximos 3 meses.

O entrevistado A respondeu que no seu ramo de trabalho fica um pouco complicado para fazer essa identificação, pois como trabalha com cursinhos preparatórios, não é possível ter certeza se vai ter concursos para ser trabalhado o ano inteiro e nem o quantitativo de professores que vai precisar. Mas existe aquelas despesas que estão presentes em todos os meses e com essas sim é possível prever, porém não tem essa prática.

O entrevistado B respondeu que não sabe exatamente, pois a sua empresa depende da necessidade das outras empresas de fazerem os treinamentos e da formação de turmas.

De acordo com a resposta de ambos é possível observar que até se tem a intenção, porém não conseguem ou não sabem como fazer, pois, suas atividades principais segundo eles é muito incerta, mas é sempre bom e possível fazer uma estatística de quanto vai ser gasto e recebido nos próximos meses, para a empresa não ser prejudicada com as incertezas.

Segundo Matarazzo (1998, p.350), o objetivo principal em antecipar despesas e lucros é se antecipar ao futuro. Se você entender bem a sua projeção, planejar adequadamente seu financeiro para prováveis crises no mercado, estabelecer as suas principais despesas, colocar recursos nos lugares corretos, sem danos ou perdas.

4.4.5 Capital circulante

Na sexta pergunta o questionamento foi se o entrevistado consegue identificar quanto de capital está circulando mensalmente na empresa e de que forma.

O entrevistado A respondeu que sim, através do controle que ele faz com as planilhas e anotações.

O entrevistado B respondeu que através das planilhas alimentadas diariamente com entradas e saídas ele consegue sim.

Através das respostas dadas, identifica-se que os entrevistados fazem suas identificações em pequena escala, mas isso pode ser justificado pelo conhecimento básico dos mesmos em relação as ferramentas financeiras.

Segundo Gitman (2002, p.28), uma administração ineficiente do capital de giro afetará dramaticamente o fluxo de caixa das empresas, afetando diretamente sua liquidez e rentabilidade. Assim sendo, uma boa compreensão do mesmo, bem como de suas fontes de financiamento é matéria de grande importância para os proprietários de pequenas empresas

4.4.6 Despesas pessoais

Na sétima pergunta foi interrogado como é feito o controle das despesas pessoais e se em algum momento as despesas do proprietário são pagas pela empresa.

O entrevistado A respondeu que não é feita a separação das despesas pessoais, ainda se misturam as contas da empresa com as do proprietário.

O entrevistado B respondeu que as despesas pessoais são de responsabilidade dos sócios a empresa tem a despesa dos prolatores.

A inexperiência financeira, leva os pequenos empresários a confundirem o capital da empresa com o seu próprio capital, fazendo retirada para gastos pessoais, o que leva a sérios danos ao caixa de sua empresa, pois esses gastos não entram na contabilidade oficial da empresa, já que os mesmos não possuem controle sobre tais saídas.

De acordo com João Paulo Cavalcante, consultor de finanças do Sebrae em São Paulo, é de suma importância que o pequeno empresário tenha a consciência de que o capital da empresa é diferente do capital pessoal e que ele saiba estipular um determinado para seus gastos pessoais, separando assim de uma forma eficiente e equilibrada as finanças do seu empreendimento e tendo desta forma uma visão mais ampla e eficiente, de que forma ele pode investir na empresa e de que forma ele pode gastar seus lucros, seja ele o aperfeiçoamento e qualificação de sua

força de trabalho (colaboradores) ou em equipamentos e tecnologia para uma maior fluidez de sua empresa.

4.4.7 Demonstração do fluxo de caixa

O oitavo questionamento indagava o que entende o entrevistado sobre demonstração do fluxo de caixa, se utiliza ele com o método direto ou o indireto e sobre as atividades operacionais, de financiamento e de investimento, e ainda se ele consegue identifica-las no seu relatório contábil.

Tanto o entrevistado A quanto o B não souberam responder essa pergunta.

Nota-se que ambos os administradores têm pouco conhecimento diante das auxiliadoras do fluxo de caixa, seus conhecimentos são básicos e a utilização é mínima, eles a usam somente para controle próprio. Ou seja, para saber quanto ganham e gastam a cada mês.

A Demonstração do Fluxo de Caixa apresenta a origem e aplicação dos valores transitados pelo caixa em um determinado período e o resultado desse Fluxo, sendo que o caixa nada mais é do que as contas caixas e bancos, dando ênfase nas saídas e entradas de valores de moeda corrente durante as operações que por ventura ocorram ao longo de um determinado período nas organizações. (IUDÍCIBUS e MARION, 1999, p. 218).

4.4.8 Demonstração do resultado do exercício

Na questão de número nove a pergunta era se na empresa é feito o cálculo da liquidez e se é utiliza a demonstração do resultado do exercício para fazê-lo.

O entrevistado A respondeu que não utiliza essa demonstração, não calcula sua liquidez, somente faz o registro de suas entradas e saídas.

O entrevistado B preferiu não responder essa pergunta.

De acordo com o artigo 187 da Lei 6.404/1976 (Lei das Sociedades por Ações), a Demonstração do Resultado do Exercício visa principalmente apresentar verticalmente o resumo dos resultados apurados em relação ao ciclo de operações executadas num determinado período, normalmente, de doze meses.

4.4.9 Regime de caixa e de competência

Na decima pergunta o interrogado foi: Você utiliza os regimes de caixa e de competência para efetuar seus lançamentos contábeis? Qual você prefere?

O entrevistado A informou que com seu pouco conhecimento na área, não se considera capaz de fazer essa identificação nos seus lançamentos contábeis para responder esta pergunta.

O entrevistado B respondeu que utiliza o caixa como principal meio de lançamento.

Através das respostas obtidas é notável que os dois empreendedores não tenham o conhecimento adequado sobre os dois regimes e que precisam de mais aprofundamento e auxilio na área contábil de suas organizações.

O regime de competência registra os lançamentos em conformidade com a data do evento gerador (como exemplo, uma prescrição na contabilidade é celebrada na data em que a nota fiscal é emitida e não quando o dinheiro é recebido). Esse regime é utilizado na contabilidade para historiar todas as ocorrências econômicas no sistema reconhecido como Método das Partidas Dobradas. Na demonstração de resultados do exercício, utiliza-se o Regime de Competência para apurar o lucro/prejuízo do mês.

E o regime de caixa aponta seus lançamentos no caixa, isto é, as entradas e saídas de dinheiro. No apuramento do resultado do exercício precisam ser respeitadas todas as receitas e despesas independentemente da data do evento gerador. Por acompanhar a lógica do extrato bancário, muitas empresas de menor porte utilizam deste regime para calcular seus resultados.

4.4.10 Sistema de informações gerenciais

Sobre sistemas informações gerenciais foi perguntado na decima primeira pergunta se a empresa faz o uso de algum dos sistemas.

Sobre essa questão o entrevistado A disse não fazer a utilização desses sistemas.

Já o entrevistado B informou que utiliza o DKSOFT como software gerencial na sua empresa.

Magalhaes e Gedres - O sistema de informação gerencial dá apoio aos papéis de planejamento, organização e controle de uma empresa, abastecendo

informações leais e em período apto para tomada de decisão. Os sistemas de informações gerenciais são representados pelo agrupamento de subsistemas, mentalizados de forma agregada e capaz de originar informações necessárias ao processo decisório.

4.6 SUGESTÕES DE COMO UTILIZAR O FLUXO DE CAIXA

Fluxo de caixa é um instrumento muito importante para o controle das finanças, pois ele consente o monitoramento das entradas e saídas de capital na empresa em um determinado período de tempo. Deste modo, fica mais simples para organizar os ganhos e gastos, fazendo uma gestão competente do negócio.

É muito importante registrar todos os valores gastos e recebidos, seja ele qual for. Pois assim, pode-se organizar as finanças de maneira adequada e ainda evitar a perda de dinheiro. Separar tudo em categoria diferente é essencial, dando mais facilidade na hora de identificar os tipos de despesas e receitas principais e de onde estão vindo.

Fazer o acompanhamento habitualmente das movimentações do fluxo de caixa evita muitas surpresas. Pois, esse procedimento permite que a empresa possa fazer seu planejamento e, além disso, antecipar situações complexas e adotar atitudes antes que elas venham a acontecer. Tendo então, um gerenciamento financeiro mais seguro e saudável para o negócio.

Controlar o estoque ajuda a revelar quando e a quanto comprar de produtos para suprir o contingente. Em seguida, ao fazer este controle, sabe-se como adicionar investimentos e dispêndios no fluxo de caixa.

Utilizando-se do fluxo de caixa se torna mais fácil efetivar uma projeção mediana para o ano inteiro. Com ele, o administrador pode fazer a avaliação de diferentes cenários, se preparando para as mais distintas adversidades. Assim, tem-se a necessidade de estipular os ganhos e gastos também no fluxo mensal. E então, ao final do mês, é possível comparar o planejado com o realizado. Portanto, tem-se a noção de quais despesas foram as inesperadas e planejar como evitá-las no futuro.

Talvez esteja na hora de verificar se a empresa está tendo o retorno almejado com a venda dos produtos e/ou serviços, pode ser que haja a necessidade de renegociar convênios com os clientes e acrescentar valores no que está sendo

oferecido ou mudar o foco para aquilo que vem trazendo mais retorno financeiro. Por este motivo, é importante acompanhar o fluxo de caixa e realizar avaliações periódicas, verificando o andamento do negócio, se está como planejado.

Apesar da possibilidade de fazer o controle do fluxo de caixa em planilhas, elas não são consideradas a melhor opção, pois não trazem a garantia e o mesmo nível de controle e segurança que um sistema automatizado e específico para este fim. Deste modo, um software de gerenciamento online é a melhor alternativa e maneira de deixar as atividades mais prática, seguras e precisas.

Mas se o microempreendedor considerar que sua empresa ainda não se encontra apta para aderir um software mais sofisticado ela pode continuar a usar os modelos de fluxo de caixa mais fáceis e acessíveis, como os feitos em planilhas ou até manualmente.

Abaixo, um modelo que pode ser utilizado enquanto não se tem a capacidade para um modelo mais específico e elaborado.

Quadro 03 - Modelo de Fluxo de Caixa. Fonte: ZDANOWICZ (2001 *apud* MACÁRIO, 2009, p.31).

DEMONSTRAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA	
ENTRADAS	SAIDAS
Saldo em:	De caixa:
Caixa	Pagamentos
Banco	Duplicatas a pagar
	Comissões a pagar
De caixa:	Juros pagos
Recebimentos	Despesas
Venda a vista	Depósitos
Serviços prestados	
Comissões recebidas	
Duplicatas recebidas	
Juros recebidos	
Receitas diversas	De bancos:
Saques de bancos	Pagamentos
	Duplicatas pagas
	Comissões pagas
De bancos:	Juros pagos
Recebimentos	Despesas
Duplicatas recebidas	Empréstimos pagos
Serviços recebidos	Despesas
Juros recebidos	Saques
Comissões recebidas	
Receitas diversas	
Depósitos	
Empréstimos recebidos	
	Saldo em:
	Caixa
	Bancos
Total Geral	Total Geral

De acordo com o quadro a cima o fluxo de caixa trabalha com todas as informações de entradas e saídas e seus movimentos diários, tanto em saldo anterior como com saldo final, tirando uma média e analisando o que sobra no saldo total. Esta é uma boa alternativa para não deixar de fazer o controle financeiro da empresa.

5 CONCLUSÃO

O conhecimento e inclusão das ferramentas financeiras é essencial para qualquer empresa, com isso é possível dizer em todas as empresas de pequeno porte deveria ser utilizada as práticas do fluxo de caixa.

A efetivação deste trabalho para mim foi muito importância e também para as empresas, pois foi através deste que os microempreendedores das empresas obtiveram a percepção dos dados indispensáveis e vitais para a organização e o desenvolvimento futuro do empreendimento quando se trata de suas finanças.

A pesquisa a partir de agora possibilitará aos empreendedores, um melhorado planejamento financeiro das empresas, que até então era precário e pouco eficiente, o que pode ser prejudicial ao desenvolvimento das empresas, já que devido a falta de gerenciamento, muitas das vezes podem surgir despesas inesperadas e desnecessárias para a empresa.

Analisando o que foi exposto durante a realização do presente trabalho, pode-se notar que foi respondida à questão norteadora e seus objetivos foram alcançados, os proprietários agora possuem conhecimento sobre fluxo de caixa e acredito que o utilizarão para tomada de decisões, pelo que foi exposto durante todo o trabalho e através das respostas dos administradores o estudo revelou que o fluxo de caixa não é frequentemente utilizado, porém se faz necessário dentro da empresa para um melhor desenvolvimento.

Conclui-se que o fluxo de caixa é uma ferramenta muito importante não só para as pequenas empresas, mas também para as de grande porte, porém é necessária sua utilização de forma que ajude a empresa a alavancar em suas atividades e em seu próprio crescimento.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Martinho Isnard Ribeiro. **Desenvolvimento de um modelo de planejamento estratégico para grupos de pequenas empresas**. São Paulo: 1994. Tese de Doutorado, FEA/USP.
- ARAÚJO, Luis César G. de. **Gestão de pessoas**. São Paulo: Atlas, 2006.
- ASSAF NETO, Alexandre; SILVA, César Augusto Tibúrcio. **Administração do capital de giro**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1997.
- _____. **Administração do Capital de Giro**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- _____. **Administração do capital de giro**. 3.ed. Rio de Janeiro: Campus, 2009.
- BEUREN, Ilse Maria. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: Teoria e Prática**. São Paulo: Atlas, 2006.
- BRAGA Roberto. **Fundamentos e Técnicas de Administração Financeira**. 11ª ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- BRUNI, Adriano Leal, Famá, Rubens. **Gestão de Custos e Formação de Preços: com aplicações na calculadora HP 12c e Excel**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- CAVALCANTE, J. Carlos. **Guia do Empreendedor. Fascículos nº4 – Fluxo de Caixa e Custos na Pequena**. São Paulo, 2008.
- CAMPIGLIA, Américo Oswaldo. **Introdução à hermenêutica das demonstrações contábeis: com interpretação de disposições da Lei nº 6.404/76 e normas CVM**. São Paulo: Atlas, 1997.
- CERVO, Amado Luiz. BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- FIGUEIREDO, Sandra. CAGGIANO, Paulo Cesar. **Controladoria, Teoria e Prática**. Atlas; São Paulo; 1997.
- FIPECAFI. **Manual de Contabilidade Societária**. São Paulo: Atlas, 2010.
- FRIEDRICH, João. **Fluxo de Caixa – sua importância e aplicação nas empresas**. Revista Eletrônica de Contabilidade: Volume II, N. 2, 2005.
- GOMES, W. **Estudos críticos e estudos de linguagens na pesquisa em comunicação**. INTERCOM. Rev. Bras. Com. São Paulo. Vol. XX. n1. 1997.
- HENRIQUE, Rafael. **Qual é o setor/departamento mais importante na empresa?**. Artigo do LinkedIn publicado em 9 de julho de 2016.

HOJI, Masakazu. **Administração Financeira e Orçamentária: matemática financeira aplicada, estratégias financeiras, orçamento empresarial**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

IUDÍCIBUS, Sérgio de; MARION, José Carlos. **Introdução à Teoria da Contabilidade**. São Paulo: Atlas, 1999.

IUDÍCIBUS, Sérgio de; MARTINS, Eliseu; e GOLBCKE, Ernesto Rubens. **Manual de contabilidade das sociedades por ações: aplicável também as demais sociedades**. 7º ed. rev. e atual. São Paulo, SP: Atlas, 2007, c1998. 646 p

KUSTER, Edison; NOGACZ, Nilson Danny. **Administração financeira. Finanças empresariais**. Gazeta do Povo. Curitiba - PR: FAE Business School, n. 4, 2002.

LACERDA, Joabe Barbosa. **A Contabilidade como ferramenta gerencial na gestão financeira das micros, pequenas e médias empresas (MPMEs): necessidade e aplicabilidade**. Revista Brasileira de Contabilidade, [S.l.], n. 160, p. 38-53, jan. 2012. ISSN 2526-8414. Disponível em: <<http://www.rbcdigital.org.br/index.php/rbc/article/view/686>>. Acesso em: 19 mar. 2018.

LIMA, Murilo Valverde. **Um Estudo Sobre Finanças Comportamentais**. R. A. Eletrônica revista on-line da FGV-EAESP. Volume 2, Número 1, jan-jun/2003. Disponível em <<http://www.http://rae.fgv.br/>> Acesso em 30/01/2018.

MAGALHÃES, Keli Dayana Martins; GEDRES, Carlos Alberto Pouey. **Tópicos emergentes do sistema de informação gerencial**. Artigo

MARION, José Carlos. **Contabilidade Empresarial**. 8ª ed. São Paulo: Atlas, 1998.

MATARAZZO, Dante C. **Análise financeira de balanços**. 5ª Ed. São Paulo: Atlas, 1998.

PIVETTA, Geize. **A utilização do fluxo de caixa nas empresas: um modelo para a pequena empresa**. Revista Eletrônica de Contabilidade: Volume I, N. 2, 2005.

PRESTES, Maria Luci Mesquita. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia**. São Paulo: Rêspel, 2012.

QUINTANA, A. C. **Fluxo de Caixa**. Curitiba: Juruá Editora 2009.

RESOLUÇÃO CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE - CFC Nº 1.125 DE 15.08.2008

SÁ, Carlos Alexandre. **Fluxo de caixa. A visão da Tesouraria e da Controladoria**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SANTI FILHO, Armando de. **Análise do Demonstrativo do Fluxo de Caixa**. 1ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SEBRAE. **Lei geral das micro e pequenas empresas**. Nacional: 2016. Disponível em <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/sebraeaz/lei-geral-completa-10anos-e-beneficiamihoesdeempresas,baebd455e8d08410VgnVCM2000003c74010aRCR> Acesso em Dezembro de 2017.

SILVA, Antonio Carlos Ribeiro da. **Metodologia da pesquisa aplicada à contabilidade: orientações de estudos, projetos, artigos, monografias, dissertações, teses**. São Paulo: Atlas, 2010.

VIEIRA, Marcos Villela. **Administração estratégica do capital de giro**. São Paulo: Atlas, 2005.

ZDANOWICZ, José Eduardo. **Fluxo de caixa**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1998.

_____. **Fluxo de caixa: uma decisão de planejamento e controle financeiro**. 10. Ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2004.

APÊNDICE



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA – LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE BACHARELADO EM CIENCIAS CONTABEIS

PESQUISA SOBRE A EFICIÊNCIA NA GESTÃO DO FLUXO DE CAIXA

QUESTIONÁRIO

PARTE I – PERFIL DO ENTREVISTADO E DA EMPRESA

1. Identificação do Entrevistado:

1.1. Nome: _____

1.2. Sexo: Feminino () Masculino () _____

1.3. Escolaridade / Área de Formação: _____

1.4. Sócio ou Funcionário: _____

1.5. Função que ocupa na empresa: _____

2. Identificação da Empresa:

2.1. Nome da Empresa: _____

2.2. Tempo de Atividade: _____

2.3. Tipo de Empresa: () ME () EPP () Outra: _____

2.4. Número de Empregados: _____

2.5. Principais produtos e serviços: _____

PARTE II – FLUXO DE CAIXA

1) Na sua opinião, qual a área de maior importância dentro da empresa? E por quê?

2) Quais são as dificuldades encontradas ao fazer a gestão financeira da empresa?

3) Com que frequência você faz a análise do fluxo de caixa de sua empresa?

4) Como são feitos os controles de entradas e saídas de caixa? Há um espaço específico para isso?

5) De que forma você identifica as receitas e despesas dos próximos meses? Sabe quanto tem a receber ou a pagar nos próximos 3 meses?

6) Consegue identificar quanto de capital está circulando mensalmente? De que forma?

7) Como é feito o controle das despesas pessoais? Em algum momento as despesas do proprietário são pagas pela empresa?

8) O que você entende sobre demonstração do fluxo de caixa? Utiliza ele com o método direto ou o indireto? E sobre as atividades operacionais, de financiamento e de investimento? Consegue identifica-las no seu relatório contábil?

9) Na sua empresa você faz o cálculo da liquidez? Utiliza a demonstração do resultado do exercício para fazê-lo?

10) Você utiliza os regimes de caixa e de competência para efetuar seus lançamentos contábeis? Qual você prefere?

11) A empresa faz uso de algum dos sistemas de informações gerenciais?
